

o fila

BOLETIM MENSAL DA CAFIB

ANO I, Nº 7 — JUNHO DE 1979



Existe Fila (puro) preto?

A resposta está na página 3

SUMMARY

"Does the black Fila Brasileiro exist?" This is the question a lot of breeders make us, in order to know if some black dogs that have appeared lately are pure or bastards. In this number we publish two articles answering this question. The first one, by Paulo Santos Cruz (pages 3 and 4), says that the black colour is the result of crossing Fila with dogs of other races, specially the Great Dane and the Mastino Napoletano. The second article, by Francisco Peltier de Queiroz, repeats that the black "Fila" are bastards, and says that it is necessary to change the official standard of the breed, in order to prohibit this colour

(according to the official standard, all colours are permitted, except in the case of dogs totally white).

On page 4 we publish a photo proving that the black "Fila" (a bastard, naturally) is the result of crossing a Fila with a Great Dane. A former with a yellow Fila (female) and a grey Great Dane (male) had a litter of black puppies, which were not registered because the farmer is against Fila bastards. This was his comment when he presented us the result of his discovery: "This is the 'secret' of the black Fila".

On page 5 we also publish a photo

of a typical black mestizo.

On page 6 we publish an article by Francisco José Magliocca about how to feed a Fila Brasileiro, and how to care of its health. He also warns that with the proper series of inoculations, the dogs will be almost completely protected against disease.

The training of Fila Brasileiro is the subject of pages 7, 8, 9, 10 and 11. In this article, Américo Cardoso dos Santos Jr. says that it is not necessary to train a pure Fila to attack, because this must be its natural reaction to strangers. Nevertheless, it is necessary to teach the dog how to be obedient.

CARTAS

Quando ensinar o cão

"Algumas perguntas que gostaria de fazer a vocês: 1) Quando devo contratar um instrutor para ensinar o cão Fila que tenho a me obedecer, e a atacar? 2) Que vitaminas devo lhe dar para que cresça forte? 3) Vocês recomendam a alimentação com rações?" (Edison Augusto F. Gonçalves, São Paulo).

N. da R.: Neste número, publicamos artigos sobre alimentação (página 6) e adestramento (pág. 7 e 11), em resposta às perguntas feitas por nossos leitores Edison Augusto Gonçalves, Pedro Martins Simão e Rodrigo Andrade de Almeida.

Por que não o preto?

"Gostaria muito de possuir um cachorro Fila preto novo (puro)". (Therézinha Cordeiro, Resende).

"Como os ladrões andam à solta, resolvi comprar um filhote macho. Acredito que a cor preta dá ao Fila uma característica de cão bravo, e por isso tentei encontrá-lo. Deparei-me, então, com duas notas nos classificados do Jornal do Brasil, contra o Fila preto. Como o segundo veio com a indicação da CAFIB, resolvi escre-



ver-lhes. Então pergunto: - Por que os senhores não aceitam essa cor no Fila? " (Fernando Barbosa Pacheco, Rio de Janeiro).

N. da R.: D. Therézinha, se a Sra. tem interesse em adquirir um Fila puro, não deve comprar um animal de cor preta, porque esta cor já indica a mestiçagem. Antes de comprar um Fila, leia atentamente o no. 1 de "O Fila" e grave bem o aspecto visual dos Filas puros que temos publicado neste jornal. Caso os pais da ninhada não correspondem ao visual de um Fila puro, não compre um filhote, pois corre o risco de adquirir um mestiço (mesmo com pedigree).

Sr. Fernando Pacheco e D. Therézinha Cordeiro, as razões pelas quais a CAFIB não aceita a cor preta estão nas páginas 3, 4 e 5 deste número

o fila

Boletim da CAFIB - Comissão de Aprimoramento do Fila Brasileiro.

Endereço para correspondência: Praça Prof. Rezende Puech, 43, Pinheiros - São Paulo CEP: 05444

Composto e impresso nas oficinas da Editora Japi Ltda. (Jundiaí) Os artigos publicados neste boletim só podem ser reproduzidos mediante autorização expressa da CAFIB.

Questão de talento

"Tendo em vista o nosso desejo pessoal em criar cães, vimos através do presente solicitar a V. S. informações sobre o assunto. A nossa opção, após pesquisa que temos feito junto a amigos, é pela raça Fila.

Diante da seleção que fazemos em nossa propriedade agrícola de gado Nelore e de equinos da raça Mangalarga (como o Fila, raça brasileira), a intenção em unir a rusticidade e o talento dessas três raças motivou-nos sobremaneira.

Em suma, gostaríamos, além das informações solicitadas, nos cadastrarmos nessa CAFIB e recebermos as publicações do jornal, inclusive os números anteriores". (José Oliveira Prado, Lençóis Paulista).

Contra os «inovadores»

"Aproveito a oportunidade para parabenizar essa Comissão pelo esforço e seriedade que vem empreendendo no sentido do aperfeiçoamento do Fila Brasileiro, para que o nosso cão conserve as suas excelentes características de tipo e temperamento, evitando que "inovadores" façam experiências em cruzamentos com outras raças". (Antonio Alves Freitas, Rio de Janeiro).



NÃO EXISTE FILA PRETO

Paulo Santos Cruz

Acusam-me de incoerente por haver aceito a cor preta no Fila em artigo publicado nos idos de 1951 e, agora, por considerá-la impura.

Realmente naquela época escrevi o que então via pelas fazendas onde procurava Filas, cachorros bravos e com natural instinto de guarda, para proteção de minha casa e da minha coleção de pássaros.

O que entendia então sobre cães? Nada. Sabia apenas que tinha quatro pés. Qualquer cão grande e orelhudo, numa fazenda de criação de gado, para mim, era um Fila. Não havia padrão oficial da raça, logo, não teria respaldo algum se negasse pureza a qualquer detalhe somático. Os únicos, no mundo, autorizados a falar sobre Fila, naqueles tempos, eram os seus criadores, aqueles fazendeiros que chamavam a todos de "cabeçudos", afirmando-os puros Filas.

Embora inteiramente leigo, já notava diferença nos poucos pretos que encontrava, tanto que nunca trouxe um sequer. Entretanto, desconhecendo detalhes racionais, não conseguir definir essas diferenças. Só trouxe amarelos — então lá qualificados como "baios da boca negra" — e rajados, lá definidos como "araçás". Só trouxe um branco com manchas grandes, rajadas, adquirido nas minas de ouro de Morro Velho. Esses cães eu os distribuía entre os amigos, porque, naquele tempo, cachorro não se comprava, "se arrumava", e eu, já inteiramente conquistado pelo temperamento e caráter do Fila, queria divulgá-lo, pois já o considerava muito superior, em

utilidade, às raças então importadas.

Minha atividade divulgou-se, e as publicações especializadas — que na época nasciam e fechavam rapidamente — procuravam-me, insistentemente, para transmitir minhas experiências. Foi o que fiz: relatei o que via nas fazendas. Via pretos, embora muito poucos, e os fazendeiros garantiam que eram Filas logo eu os repetia. Que sabia eu para contrariá-los?

Hoje, tendo ainda na memória algumas cenas daqueles poucos cães pretos, e algum conhecimento zootécnico, posso afirmar que eram Dinamarqueses sem orelhas operadas, e não Filas.

Os Filas começaram a aparecer nas exposições, julgados, invariavelmente, pelo sr. Tito Pacheco, criador de Fox Terriers de Pelo Liso. Os juizes estrangeiros mostravam-se curiosos, pediam o padrão. ... e não havia padrão.

Adolpho Lourenço Rheingantz, então um dos grandes impulsionadores da cinofilia, presidente, por dezenas de anos do Kenel Clube Paulista, procurou-me certo dia e pediu-me para elaborar o padrão do Fila. Confessei-me o constrangimento que sentia a ser interpelado a respeito pelos juizes estrangeiros. Geralmente não confessava a inexistência do padrão e prometia traduzi-lo e remetê-lo. A hora havia chegado, pois alguns deles cobravam a promessa. E eu, moço e ousado, senti-me "salvador da honra da cinofilia brasileira", redigindo às pressas um padrão e entregando-o ao sr. Rheingantz, para que pudesse traduzir e remeter às demais na-

ções. Assim ele o fez, não sem antes submeter meu trabalho ao sr. João Ebner — que possuía um casal de Filas — e ao dr. Waldemar Rathsam, veterinário e entusiasta da raça.

Hoje, perdoem-se a imodéstia, relendo aquele padrão, não me envergonho de tê-lo escrito. É um simples relato somático e mental do Fila, sem qualquer informação técnica, mas, em linhas gerais, não me envergonha.

Os anos se passaram e, numa exposição, na sede de campo do KCP (ainda havia verificação de raça para o Fila), surgiu, pleiteando registro, um péssimo Dinamarquês, péssimo porque de pernas curtas e com uma barbelo imensa. Não recordei mais o nome do juiz, mas o registro foi negado, deixando o proprietário furiosíssimo, argumentando com a barbelo como prova da pureza rática.

Foi esse o primeiro "Fila" preto que vi numa pista. Observei que escrevo "Fila" entre aspas.

Transcorreram os anos e, certa feita, o dr. Ênio Monte, do canil ABC avisou-me haver adquirido, no interior, um Fila preto-azeviche. Fui vê-lo. Era um péssimo Dinamarquês. Alertei Ênio sobre o perigo dos genes vinculados à cor e dos caracteres desconhecidos que poderiam acompanhar a cor preta. ... mas o cão já havia sido usado. A ninhada era típica de Dinamarqueses: todos fininhos, peraltinhos, magrinhos, pretinhos. O dr. Ênio não teve dúvida, vendeu todos para o Rio. Não sem antes registrar a ninhada, com todos os filhotes recebendo nomes iniciados com a letra "Y".

Ainda mais tarde o mesmo dr. Ênio Monte, avisou-me da aquisição de outro preto, mas de uma ninhada com vários irmãos rajados, o que afiançaria sua tipicidade.

Lembrei a Ênio Monte que o Dinamarquês também tem pelagem rajada e o problema da recessividade — ou seja, cães rajados, com ascendentes pretos, poderão certamente produzir filhos pretos; assim sendo, mesmo os irmãos rajados desse cão poderiam produzir pretos. A cor, portanto, não era essencial e sim os demais caracteres somáticos que a acompanhavam.

Foram estes os únicos pretos que conheci, envolvidos com a raça Fila.

Depois, afastei-me da cinofilia. Agora, ao retornar, deparo com esse quadro desolador: pretos em grandes quantidades, que, se dizem Filas. Pela quantidade, não podem ter sido produzidos por aqueles dois.

Insisto num ponto: os caracteres somáticos vinculados à cor preta é que confirmam a origem ilegítima do cruzamento com Dinamarqueses: a) tipo geral longilíneo; b) figura quadrada; c) pernas curtas; d) tórax estreito; e) ombros deslocados para a frente; f) falta de antepeito; g) ventre esgalgado; h) pescoço comprido; i) cabeça estreita e comprida, mas, vista de perfil, com boa profundidade; j) orelhas pequenas, finas, de inserção alta; k) pele esticada; l) temperamento fraco.

Nem todos reúnem a totalidade desses detalhes, pois foram cruzados com Filas, numa extensão maior ou menor, mas alguns desses caracteres sempre estarão presentes.

Para melhor compreensão, lembramos que o mesmo ocorre entre humanos: acompanhando a cor preta, são transmitidos outros caracteres a ela geneticamente vinculados: a) cabelo crespo; b) testa curta; c) nariz chato e largo; d) orelhas pequenas; e) lábios grossos; f) voz pastosa; g) crânio pequeno; h) ombros largos; i) tórax largo mas chato; j) tronco curto; k) braços longos; l) pernas compridas; m) pés chatos; n) calcanhares salientes.

Nem todos os pretos apresentam esse conjunto de caracteres mas eles sempre estarão presentes, em número tal que afastará qualquer dúvida sobre sua pureza racial: ou mesclados com outros, de outras raças, esses caracteres sempre constituirão prova da mestiçagem.

Em suma, esses caracteres presentes, em número maior ou menor, em cada indivíduo, informam sobre a mestiçagem. Pouco importará a presença, concomitante, de caracteres de Fila. A constatação, num mesmo indivíduo, de caracteres de raças diversas prova, insofismavelmente, a miscigenação.

Em belo Horizonte trouxeram-me, para a pista, um cão rajado, com manchas arlequins na cabeça, e outro preto-azeviche,

mas com o tórax arlequim. Como a única raça canina no mundo, com pelagem arlequim, é o Dinamarquês, não foi preciso consultar o Prof. Procópio do Vale para saber que eram "Filamarqueses".

Resumindo, Fila puro, preto, não existe. Mestiços de Fila com Dinamarquês têm alguns dos caracteres enumerados e a cor é preto-azeviche, lustrosa.

Mestiço de Fila com Mastim Napolitano também pode nascer preto, mas a cor é preto-ardósia e os caracteres são estes outros: a) tipo fortemente brevilíneo (atarracado); b) figura retangular longa; c) pernas curtas; d) tórax largo e "de rede"; e) ventre esgalgado; f) muita barbeta ou papada; g) crânio muito largo; h) orelhas de inserção alta; i) "stop" abrupto, formado pelo frontal (testudo); j) parótidas inchadas; k) focinho curto, de profundidade maior que o comprimento; l) rima labial em ângulo agudo; m) mordedura em torquês ou apresentando prognatismo inferior; n) expressão cansada, aborrecida, quase sempre ofegantes.

Repito: a existência desses todos ou de alguns desses caracteres, prova a mestiçagem, porque eles não poderiam, sem miscigenação, aparecer numa raça que não os tem.

Portanto, quando leio anúncios de ninhadas de Filas pretos, sinto uma grande pena do criador: ele está tão por fora como eu em 1950/51, ou então é um grande desonesto.



"Este é o segredo do 'Fila' preto", observou, com conhecimento de causa, o fazendeiro Aurélio Augusto Rocha, de Taubaté, ao apresentar o resultado de sua descoberta aos membros da CAFIB: um cão preto, filho de um cruzamento ocasional de uma cadela Fila amarela, de sua propriedade. . . O pai: um Dinamarquês cinza arlequim (aliás cor não permitida no padrão do Dogue Alemão). A prova está aí na foto: pai, mãe e filho. Apesar de ter descoberto o "segredo" guardado por muitos "criadores" o sr. Aurélio não registrou a ninhada, por ser contra a mestiçagem.

O «Filamarquês», a grande fraude comercial dos mestiçadores.

Francisco Peltier de Queiroz denuncia a mestiçagem neste artigo, e dá a sua prova: um típico "Filamarquês" do Prof. Procópio do Vale (Canil kirimaia): cabeça fina, perna alta, quadrado, sem barbelas.



Tição de Kirimaia

O que teria acontecido de tão drástico na raça Fila capaz de levar a mim e tantos outros criadores a repudiarem o preto?

A resposta é simples: ocorreu a mistura sem controle e ilegal de cães de Fila com cães de outras raças. Durante 20 anos, de 1950 até 1970, praticamente não se tem registro de exemplares pretos. A própria Natureza que nos doou o Fila, selecionou-o em sua total maioria em todos os tons de amarelo e rajado, somente (além do malhado, em menor número).

Entretanto, curiosamente, o malhado, o cinza rato, o cinza azulado, o arlequin e principalmente o preto, começaram a aparecer como num passe de mágica em meados da década de 70. Primeiro foram os malhados, que tinham, entretanto, uma profunda diferença em relação a seus antepassados: os malhados da década de 50 eram geralmente de fundo branco puro com malhas rajadas, enquanto agora há cães com malhas iguais às do São Bernardo, cabeça enorme e temperamento comprometedor. . . são os mestiços com pedigree falso de Fila provenientes de cruzas de Filas com São Bernardo.

Há também os cinzas cor de rato, também com cabeça enorme, arredondada, com barbelas e temperamento nervoso. . . são os mestiços, com pedigree falso de Fila, proveniente de cruzas de Filas com Mastim Napolitano. Entretanto, para infelicidade dos misturadores, esta coloração não caiu no agrado do grande público. Ainda não era a cor desejada, que ajudaria a tornar a criação de Fila um grande comércio sem notas fiscais e sem Imposto de Renda.

Os misturadores descobriram então o preto, que eu apelidei de filamarquês, que — como o nome já demonstra — são os mestiços com pedigree falso de Fila, que não passam de vira-latas, prove-

nientes de cruzas de Filas com Dinamarquês preto. São geralmente perna alta, quadrado, ventre alto, pescoço comprido e fino, sem barbelas, sem pele solta, de temperamento fraco e. . . pretos! Há também os cães preto-ardósia, provenientes de cruzamentos com o Mastim Napolitano.

É justamente pelo reaparecimento irreal destas cores falsamente fabricadas pelos misturadores que eu e muitos outros criadores negamos totalmente sua validade. Infelizmente, a década de 70, a nossa década, é a década da grande predação em nossa raça e do aparecimento de um imenso número de vira-latas com pedigrees falsos de Fila emitidos e assinados pelo Brasil Kenel Clube.

Não cabe neste artigo comentar as misturas e os misturadores, bem como de que maneira envolveram e ainda envolvem o BKC. Isto já foi por mim amplamente exposto em minha Carta Aberta datada de 3.8.1978, mas algumas daquelas perguntas ainda aguardam resposta: Por que será que estes "cientistas" que conseguiram fabricar a cor preta nunca vieram a público relatar esta "descoberta" e como chegaram a ela? Por que, ao invés de vangloriar-se desta "maravilhosa descoberta", se escondem?

Por que persistem em inventar falsas teses sobre a formação de nossa raça que justifiquem o produto de seus canis, isto é, o mestiço que venderam e ainda vendem para centenas de compradores ludibriados que têm, portanto, o direito de reaver seu pagamento de volta?

Agora mesmo acabo de receber carta do Club Fur Molosser, da Alemanha, denunciando o nascimento de um "fila" arlequin. Resta perguntar aos misturadores que desta forma desmoralizam internacionalmente nossa raça: será que o "filamarquês arlequin" se

tornará em breve o produto nobre oferecido pelos misturadores com mais alto preço no mercado?

O Fila da década de 70 tem necessidade de sobreviver. Sobreviver à predação a ele imposta pelos criadores inescrupulosos; sobreviver à omissão do BKC, que não toma as atitudes necessárias à perpetuação de nossa raça; sobreviver a esta mistura sem controle, que altera a mente e o físico do nosso Cão de Fila, moldados pela Natureza nos dois últimos séculos; sobreviver aos fabricantes, fazendeiros e comerciantes de Fila que transformaram a única raça brasileira numa enorme feira-livre, onde os cães não são criados no convívio da família, mas confinados em jaulas; onde os cães não são criados por amor, mas por dinheiro.

O Fila necessita ter urgentemente um novo Padrão, extremamente severo, redigido por criadores de Fila e não por criadores de Mastiff, Mastins e Dinamarqueses, como ocorreu com o segundo Padrão da raça elaborado pelos misturadores durante o Simpósio de Brasília. Nosso Fila necessita ainda urgentemente de um rígido esquema de seleção (ver minha Carta Aberta de 3.8.1978). de tal forma montado que o passar do tempo afastaríamos para sempre os mestiços, tornando automaticamente cada vez maior o número de Filas Puros.

É justamente por toda esta farsa que a CAFIB aceita apenas todas as tonalidades de amarelo (também com máscara e orelhas pretas), o rajado (de listas finas e pretas, sem formar manchas), os brancos malhados (malhas tigradas). Este é o Fila puro que herdamos da Natureza e dos nossos antepassados, o Fila puro que criadores desonestos, por ignorância e interesses comerciais, estão depredando. Basta de sotaque inglês, napolitano e dinamarquês!

A alimentação e a saúde do seu cão

Francisco José Magliocca

Os cães necessitam, para a sua nutrição, de alimentação apropriada, pois muitos dos problemas de pele, e a maioria das dificuldades digestivas resultam de uma alimentação inadequada.

Os alimentos com elevado teor de açúcar (balas, doces e chocolates) não são recomendáveis, pois favorecem a obesidade do cão e podem provocar perturbações mais graves. Esse tipo de alimentação pode perturbar a sensação de fome e tirar o apetite do animal, debilitando a sua saúde. O fornecimento de açúcar durante um período muito prolongado provoca o surgimento de cáries dentárias e favorece a proliferação de vermes, principalmente nos primeiros meses de vida.

Sendo o cão um animal carnívoro, a base de sua alimentação deve ser a carne (músculo e vísceras, como o coração, fígado, rins e língua), da qual o organismo do cão absorverá a proteína indispensável ao seu metabolismo. Essa dieta alimentar deve ser enriquecida com legumes, cereais (arroz, germe de trigo e aveia) e frutas em geral, de preferência não ácidas.

O leite é essencial na dieta dos animais jovens, principalmente por seu teor de proteína e sais minerais, indispensáveis na fase de crescimento, e deve também ser usado como complemento alimentar para o cão adulto. As refeições podem ainda ser enriquecidas com gemas de ovos, três vezes por semana, em média, milho e pão torrado.

O fornecimento, toda semana, de ossos grandes, de preferência de peito de bovinos, garante a limpeza dos dentes (que também se mantêm afiados) e contribui para complementar a alimentação, pois os ossos contêm todos os elementos indispensáveis na dieta de um cão.

Entretanto, ossos de aves (galinhas, frangos, patos, perus) e de coelhos não devem ser ministrados (a não ser pescoço e cabeça de aves — sem bico — cozidos), porque ao mastigá-los o cão os esmaga em lascas afiadas que podem facilmente perfurar o esôfago, o estômago ou os intestinos. As espinhas de peixe também são perigosas porque podem perfurar as



paredes do trato digestivo.

Apesar de serem muito populares, o "bofe" e o fubá são contra-indicados. O primeiro por ser pobre em proteínas e de difícil digestibilidade; e o segundo porque fermenta facilmente podendo provocar o surgimento do fenômeno conhecido como dilatação aguda do estômago, de consequências graves (ver matéria na página 8). Não recomendamos também as massas, alimentos condimentados, e enlatados.

Durante a gestação e o período de amamentação, as fêmeas devem receber uma dieta bastante rica em proteínas, suplementos vitamínicos e minerais.

As refeições diárias

Em relação à quantidade mínima de carne e ao número de refeições diárias, a nossa experiência aconselha o seguinte:

1) Da desmama aos dois meses — 100 gramas de carne divididas em cinco refeições; 2) dos dois aos quatro meses — 200 gr divididos em quatro refeições; 3) dos quatro aos seis meses — 300 a 400 gr divididos em três refeições; 4) dos seis meses em diante — 500 a 600 gr divididas em duas refeições.

Os cães adultos deverão receber, necessariamente, duas refeições diárias, com um intervalo mínimo, entre uma e outra, de sete horas (este espaçamento é necessário para prevenir a dilatação aguda e a torção do estômago).

No caso de filhotes, o leite pode substituir uma ou duas refeições, acrescido ainda de Neston, farinha láctea, aveia ou Maizena. Como adoçante pode-se usar o Dextrosol.

As rações, desde que produzidas por firmas idôneas, sob rigoroso controle de qualidade, podem substituir perfeitamente a alimentação caseira, pois já contêm em sua composição os elementos básicos (proteínas, vitaminas e sais minerais) essenciais às necessidades do organismo dos cães. Por serem bastante higiênicas quanto ao manejo e extremamente fáceis de serem preparadas, as rações vêm sendo preferidas por muitos criadores.

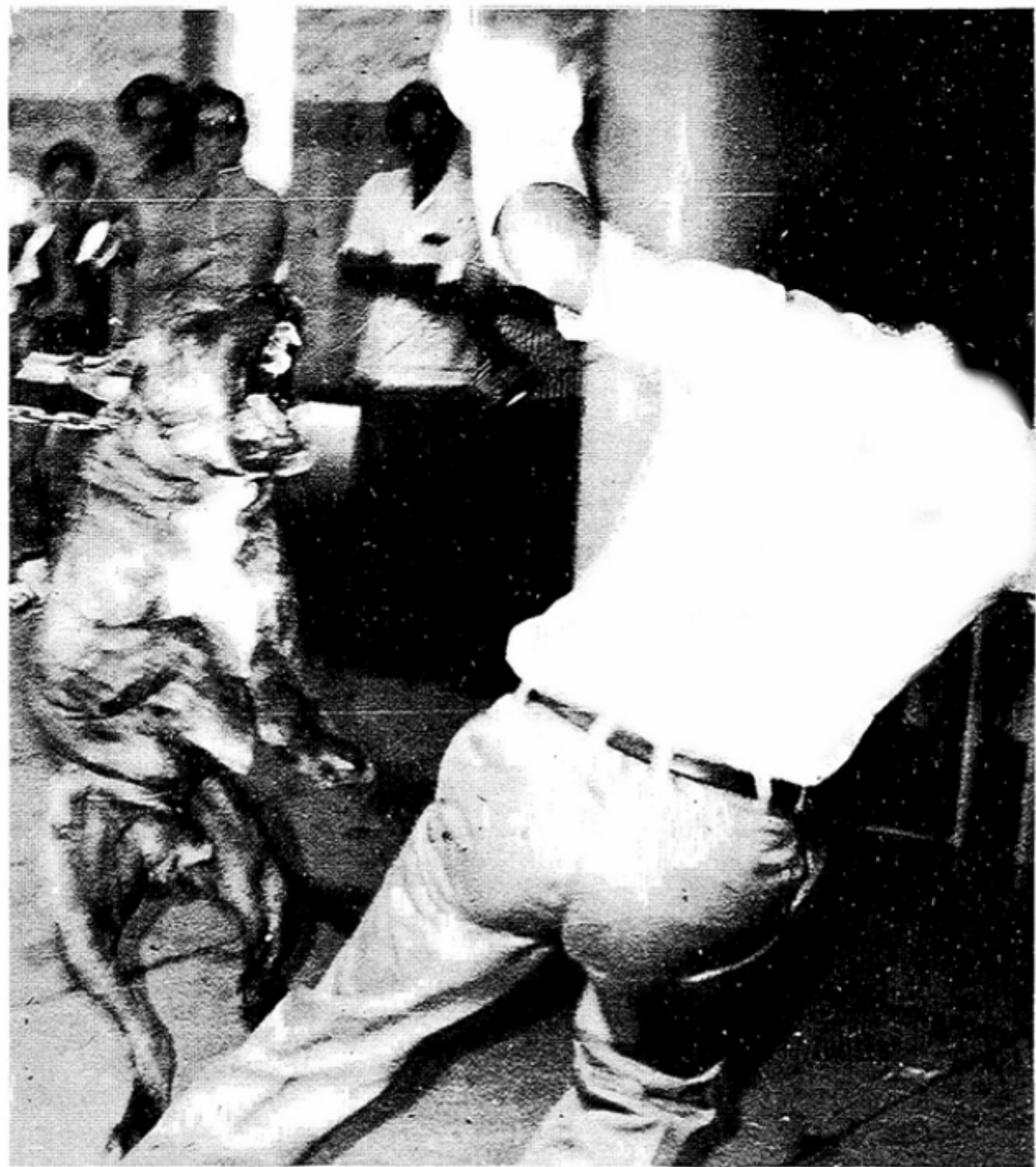
Vacinas

As primeiras doenças infecciosas dos cães são a cinomose, a hepatite infecciosa canina (ambas causadas por vírus, e específicas dos canídeos), e a leptospirose, que é uma zoonose (doença comum aos homens e aos animais) transmitida pelos ratos e provocada por uma espiroqueta.

A raiva, outra zoonose causada por um vírus, é transmitida na zona urbana por cães e gatos, e na zona rural principalmente por morcegos hematófagos.

Contra essas doenças existem soros e vacinas específicas, de comprovada eficácia, que devem ser usadas de acordo com as necessidades do animal. Durante a fase de amamentação a cadela-mãe fornece anticorpos específicos contra essas doenças aos filhotes, através do leite. Porém, após a desmama — o que ocorre com 40 dias aproximadamente — essa proteção materna cessa. O animal deve, então, ser submetido a um esquema de soro-profilaxia ou de vacinação. A escolha de um desses métodos depende principalmente das condições de saúde dos filhotes na ocasião (caso de doenças carenciais, infecciosas ou parasitárias).

A partir da desmama, deverá ser aplicado soro homólogo hiperimune a intervalos de 15 dias, até que o animal atinja a idade de dois meses. Então esse animal já estará apto a receber a vacina triplice (contra cinomose, hepatite e leptospirose). Trinta dias depois o filhote deverá tomar uma segunda dose, de reforço. Esta orientação é do dr. Pedro Manuel Germano, membro do CAFIB e do serviço médico cirúrgico e hospitalar da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo.



A reação do Fila ao ataque deve ser espontânea

O que o criador deve saber sobre adestramento

Américo Cardoso dos Santos Jr.

A CAFIB tem recebido numerosas cartas indagando a respeito do adestramento do Fila. Pergunta-se muito se o Fila deve ser adestrado ou não; se é verdade que um bom Fila não precisa de adestramento; se é melhor que o próprio dono adestre seu cão ou se é preferível entregá-lo às mãos de um profissional; em que idade deve-se

iniciar o adestramento; como proceder para adestrar um cão.

Parece-nos que o esclarecimento mais importante diz respeito à necessidade ou não do adestramento. Quando afirmamos que o Fila não deve ser adestrado, queremos referir-nos às chamadas provas de temperamento feitas nas exposições. A finalidade dessas

provas é permitir ao juiz avaliar certos atributos mentais dos cães que estão sendo julgados, tais como firmeza ou não de sistema nervoso, coragem, determinação, medo, apatia, etc. Para tanto, um figurante provoca o animal com um objeto qualquer (vara, toalha, vasoura, etc.) enquanto o juiz analisa sua reação: ataque impetuoso, ataque hesitante, fuga, etc. Para a

avaliação do sistema nervoso, o juiz deflagra um tiro de festim a uma certa distância do cão, observando se sua reação é de indiferença, agressão, medo, etc. Será excelente o cão que permanecer inabalável ao estampido do tiro e atacar imediatamente e com ímpeto a toda provocação. Essas provas não são de adestramento; não procuram aquilatar o grau de obediência que um treinador conseguiu obter de seu cão ministrando-lhe lições. São provas de temperamento que visam avaliar a reação espontânea do animal diante de estímulos para os quais ele não tenha sido previamente treinado.

Evidentemente somos contra o adestramento para essas provas, pois se o cão é bom será absolutamente desnecessário ensiná-lo a reagir agressivamente diante de um desconhecido que o provoca com uma vara e a permanecer indiferente ao tiro, pois esse comportamento será natural nele. Se o cão tem temperamento e sistema nervoso fracos, o adestramento tentaria mascarar essas falhas e enganar o juiz, da mesma forma como, lamentavelmente, alguns expositores lançam mão do uso de tintas, pós, dentes postiços, etc. para encobrir defeitos físicos.

Diga-se, de passagem, que um juiz experiente, observando com

atenção, na maioria das vezes saberá distinguir um cão que ataca com vontade, daquele que representa uma comédia.

UM ARGUMENTO ERRADO

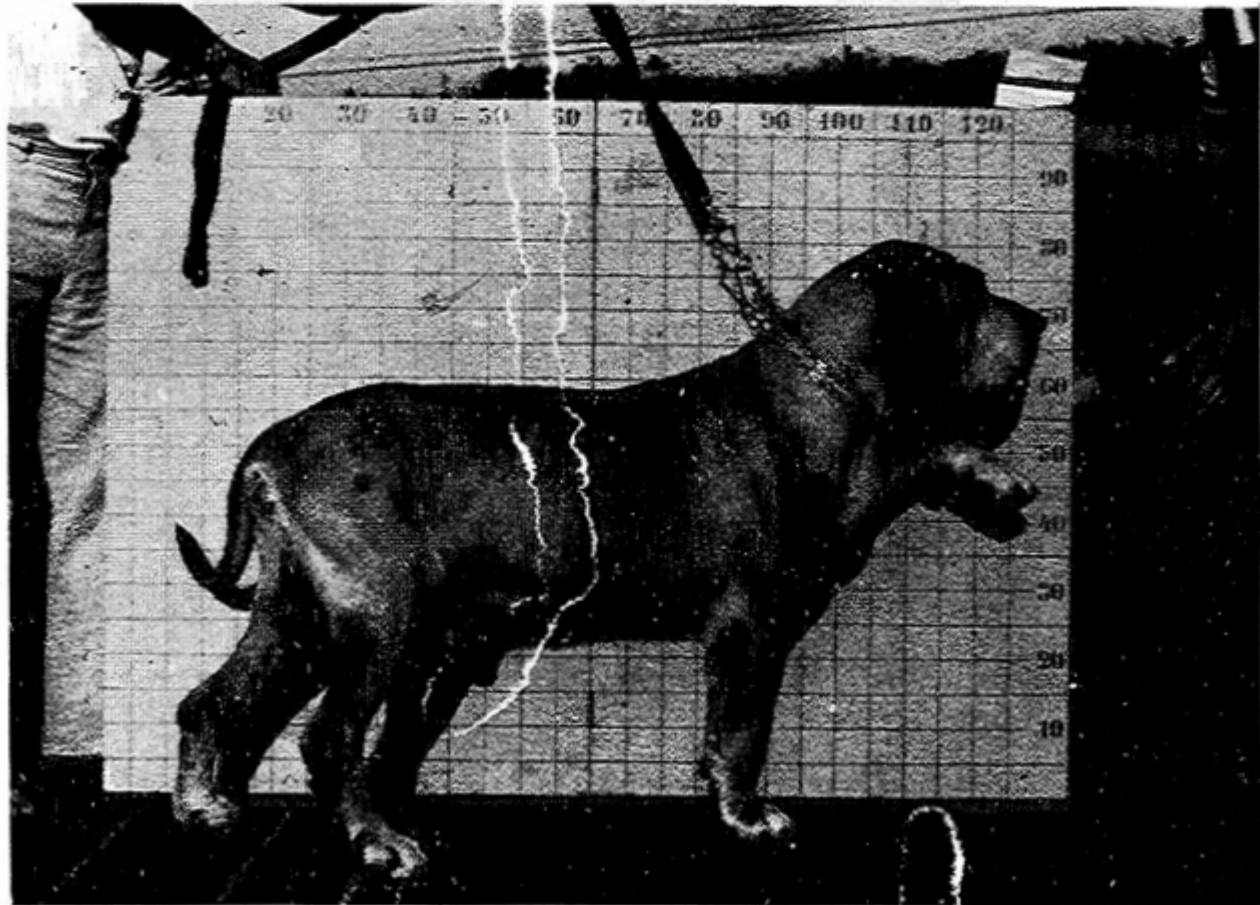
Mas, poderá alguém argumentar, desde que o cão ataque, pouco importa que essa reação seja espontânea ou lhe tenha sido ensinada, pois a consequência será a mesma. Engano. Tudo aquilo que é fruto de aprendizado e adestramento, para ser bem realizado, demanda treinamento continuado e repetições constantes, pois é passível de esquecimento. Quem quer que já tenha adestrado um cão sabe que ele só executa de maneira impecável as ordens do dono quando é constantemente exercitado; e que sua execução será tanto menos perfeita quanto maiores forem os intervalos entre os treinamentos.

Logicamente deverá merecer muito mais confiança como cão de guarda aquele animal cujas reações foram instintivas, reflexo espontâneo de sua coragem ilimitada, de sua natural ojeriza a estranhos, de sua firmeza inabalável de nervos, do que aquele cuja "valentia" lhe tenha sido ensinada e exige treinamento constante para que

lhe fique sempre fresca na memória a maneira como deve comportar-se diante do perigo.

Esses aspectos são ainda mais relevantes se encarados do ponto de vista do criador. O cão que ataca obedecendo a um impulso inato e não a um condicionamento, deverá produzir filhos que reajam como ele diante dos mesmos estímulos. Os filhos dos cães que atacam porque foram ensinados a fazer isso, só atacarão se forem submetidos ao mesmo processo de aprendizado. O adestramento não é hereditário, mas a coragem, o caráter, o sistema nervoso firme são transmitidos, geneticamente, para os descendentes.

É fundamental que a criação do Fila valorize principalmente as características funcionais da raça, procurando manter e aperfeiçoar as qualidades que a notabilizam. Isso só é possível se a escolha dos reprodutores e matrizes e a orientação dos acasalamentos se baseiam na avaliação das qualidades inatas, autênticas, espontâneas, pois só essas são hereditárias. A habilidade de um treinador em fazer com que um cão, naturalmente medroso, tome mais confiança e passe a atacar em determinadas circunstâncias, não se fará notar nos filhotes que ele gerar, pois estes, embora também possam vir a



Um Fila deve ter, pelo menos, noções de obediência e disciplina. (Barão, 11 anos).

ser adestrados, se não o forem, serão sempre naturalmente medrosos, como herança genética do verdadeiro caráter do pai.

OBEDIÊNCIA E DISCIPLINA

Feito este preâmbulo, devemos concluir esclarecendo que só vemos inconveniência no adestramento quando este tenta mascarar o verdadeiro caráter de um cão; isto não quer dizer que sejamos da opinião de que o Fila não deva receber a menor noção de treinamento básica. Pelo contrário, um cão bem treinado apresenta inúmeras vantagens sobre outro desobediente e indisciplinado.

Não é cômodo nem agradável possuir um cão que não atenda quando solicitado; que não venha quando é chamado; que ao ser levado a passear nos arraste ou tenha que ser arrastado; que para tomar banho, limpar os ouvidos ou tomar uma injeção tenha que ser perseguido; que ao entrar dentro de casa pule sobre os móveis, derube as cadeiras faça suas necessidades no tapete e, para descer do sofá, tenha que ser carregado. É muito mais prático ter um cão que tenha, pelo menos, noções de obediência e disciplina, ainda que não necessite ser um campeão de adestramento.

Por outro lado, da mesma forma como procuramos desenvolver o físico do cão alimentando-o bem, levando-o a trotar ao lado do automóvel ou da bicicleta, proporcionando-lhe espaço amplo para que corra e brinque, exercitando os músculos, também suas faculdades mentais podem e devem ser desenvolvidas.

Um cão que convive com o dono, que entra dentro de casa, forçosamente terá que ter uma certa noção de obediência ou estaria sempre causando transtornos; aquele cujo dono jamais se preocupou em ensinar nem as mais elementares noções de disciplina, fatalmente terá que ficar confinado em seu canil ou no fundo do quintal, pois o convívio com um animal assim será uma constante fonte de dores de cabeça. Assim como nos seres humanos, é comprovado que se as crianças receberem maior número de estímulos em mais tenra idade desenvolverão, futuramente, um Q.I. mais alto, guardadas as devidas proporções, acreditamos que também um cão, se relegado a uma vida enfadonha, sempre preso em seu canil e afastado do convívio de seus donos, irá se embrutecer e, aos poucos,



Possuir um cão é, principalmente, conquistá-lo, conversar com ele, permitir que ele partilhe nossa companhia. (Na foto, Zina de Parrapuan, com seus filhotes).

ter embotadas algumas de suas qualidades mentais, por força do tédio e da falta de qualquer espécie de estímulos.

CONVIVER É PRECISO

A convivência diária estreita os laços que unem o cão e o dono. Infelizmente, com frequência, ouve-se contar casos de pessoas que temem os próprios cães ou tenham sido atacadas por eles (isso não se aplica somente ao Fila). São pessoas que compram um cão para a guarda de suas propriedades e pensam que estão adquirindo um autômato desprovido de emoções e sentimentos; que não sabem que não se pode convencer um cachorro a amar e a proteger quem quer que seja pelo simples fato de se ter pago por ele uma certa quantia em dinheiro.

Possuir um cão é, principalmente, conquistá-lo, conversar com ele, permitir que ele partilhe nossa companhia. Assim ele nos será devotado e nos protegerá instintivamente; e então será muito fácil adestrá-lo. O cão que ama o dono, sente uma vontade imensa de agradá-lo e, se soubermos tirar partido disso, poderemos obter dele o que quisermos. Este será sempre o motivo que deve levar o cachorro a obedecer: o desejo de agradar o dono. É nenhuma recompensa cala mais fundo em seu espírito do que as efusivas mani-

festações do dono de que está satisfeito com ele.

É desnecessário dizer que um adestrador profissional, com o qual o cão nunca tenha tido contacto, não pode dispor desses recursos, mormente em se tratando de um Fila que, com cerca de oito meses (que é a idade em que normalmente se inicia o adestramento), já deve ter se apegado a um dono e manifestar acentuada ojeriza a desconhecidos. Todavia, é possível que um estranho, com muita habilidade e paciência, consiga conquistar o pupilo, mas é evidente que a pessoa mais indicada para ministrar o adestramento é o próprio dono, que é a quem o cão obedece mais naturalmente e com mais motivação.

É importante frisar que elogios e recompensas surtem mais efeito do que castigos e pancadas. Naturalmente, haverá ocasiões em que o animal precisará ser castigado; os bons resultados se farão notar quando houver uma dosagem correta entre carinho, por um lado e energia, por outro. Mas, para a aplicação do castigo, é necessário considerar alguns aspectos. Para ensinar é preciso paciência e não devemos exasperar-nos se o cão não percebe, de imediato, o que queremos dele; ele só deve ser castigado se, depois de ter aprendido perfeitamente um exercício, não executá-lo por preguiça ou rebeldia.

Outro ponto importante é que ele deve sempre entender por que está sendo castigado. Devemos procurar colocar-nos no lugar do animal e tentar imaginar como ele encara e entende as nossas atitudes.

Embora isso pareça ser uma mera questão de bom senso, na prática é comum as pessoas fazerem justamente o contrário, agindo como se o cão é que deve pensar como nós, numa antropopatia insensata e sempre condenável. Por exemplo: nós o chamamos e ele não atende, insistimos e ele não vem, e isso vai nos irritando cada vez mais, até que, num dado momento ele corre em nossa direção; a essa altura, exasperados por não haver o cão atendido ao chamado imediatamente, quando ele chega nós o repreendemos e punimos. Uma criança pode entender que está sendo castigada porque demorou para obedecer. Um cão vai associar o ato de atender ao chamado do dono com uma impressão negativa, de punição e repreensão. Provavelmente, da próxima vez que o chamarmos, ele pensará duas vezes antes de atender, pois guarda, instintivamente, a lembrança desagradável da experiência anterior.

A PSICOLOGIA DO CÃO

O cão deve achar que o melhor lugar do mundo é ao lado do dono e, para isso, sempre devemos recebê-lo manifestando nossa alegria por tê-lo conosco; assim ele sempre virá, confiante e sem hesitações para perto de nós. Jamais devemos chamar um cão para repreendê-lo por alguma má ação que ele tenha cometido; somente se ele associar o chamado sempre com impressões agradáveis é que nos atenderá sem titubear. É recomendável também não repreendê-lo pelo nome; deve-se usar uma palavra que o cachorro saiba que é empregada quando ele age mal e que expressa reprovação da nossa parte. Essa palavra de repreensão pode ser o simples "Não!" ou o tradicional "Pfui!" que, por ter um som mais cortante, é mais do agrado de muitos treinadores. O importante é que o tom com que seja dita não deixe dúvidas quanto ao nosso desagrado com ele pelo seu mau comportamento.

Não se pode esquecer que o cachorro não tenha a mesma capacidade que nós para associar causa e efeito; ele só entenderá a razão pela qual foi castigado, se tiver sido apanhado em flagrante. Quando, ao chegarmos em casa, encon-

trarmos as roupas do varal em frangalhos, não adiantará a punição tardia, a não ser, talvez, para descarregar a nossa raiva. O cão sentir-se-á intimidado, não entenderá a atitude do dono nem a razão do castigo, e terá diminuída a confiança em nós, por nos achar inconstantes, capazes de reações inexplicáveis e de repreensões sem motivo.

Deve-se esclarecer que castigar um cachorro não quer dizer espancá-lo ou usar de brutalidade. Na maioria das vezes, um enérgico "Não!" bastará para que ele tome consciência de que não agiu bem. A intensidade do castigo e a forma de aplicá-lo são determinadas pela gravidade da falta cometida e, principalmente, pela maneira de ser do animal. Há uma variação muito grande entre o temperamento dos diversos indivíduos, mesmo dentro da mesma raça. A fórmula não é a mesma para todos os cães e a sensibilidade do dono deverá ditar as normas de proceder em cada caso particular. Enquanto para um determinado cachorro bastará uma palavra firme, para outro será necessário uma sacudida enérgica pela pele da nuca ou uma leve batida com um jornal enrolado. Mas de qualquer forma, voltamos a frisar que surras e violência em nenhum caso são justificadas.

Ainda relativamente às diferenças particulares, entre os diferentes indivíduos quanto ao temperamento e à maneira de ser, devemos lembrar que conforme a "personalidade" de cada um é que devemos resolver a idade em que iniciar o adestramento propriamente dito. Normalmente, é com cerca de oito meses que começam a ser ministradas as primeiras lições, mas pode e deve haver uma variação de acordo com a maior ou menor maturidade mental do filhote. É contra-producente tentar ensinar o que quer que seja a um cãozinho que só pensa em brincadeiras e folguedos; ele não terá capacidade para concentrar-se naquilo que tentamos lhe inculcar e só lograremos intimidá-lo.

BOAS MANEIRAS

Cumpra diferenciar, para evitar qualquer mal-entendido, adestramento propriamente dito de educação básica. O primeiro refere-se às lições que ministramos ao cão, no sentido de torná-lo apto a entender determinadas vozes de comando e obedecê-las, executando os exercícios que, paciente-mente, lhe ensinamos: sentar-se

deitar, fingir de morto, buscar um objeto que atiramos e entregá-lo de volta, etc. A educação diz respeito ao comportamento e às boas maneiras do animal no convívio diário com o dono e as pessoas da casa: fazer as necessidades no lugar certo, não roer pernas de cadeira, cortinas e tapetes, não pular sobre a mesa para roubar comida quando os donos estão fazendo as refeições, etc. A educação, logicamente, deve iniciar no dia em que o filhote chega em casa.

Para educar é preciso sempre coerência e, mais uma vez, procurar colocar-nos no lugar do animal, tentando imaginar como ele compreende nossas atitudes. Recomendamos nunca permitir ao filhote aquilo que não desejariamos ver no adulto. Exemplificando: um cãozinho novo começa a brincar com um sapato que encontra; achamos graça e até o incentivamos, deleitando-nos com seu jeito desengonçado de divertir-se. Algumas semanas depois, ele encontra o mesmo sapato e, na brincadeira, consegue estragá-lo todo, pois nessa idade o desenvolvimento do filhote é muito rápido e ele deverá estar bem maior e com os dentes mais fortes. Aí nos enfurecemos, castigando-o severamente. O cão não pode entender o valor dos objetos e, apenas segue impulsos ditados pelos instintos; está acima da sua capacidade deter-se para fazer especulações sobre o porquê da diferença de reações do dono diante da mesma causa (do ponto de vista dele). Sua confiança no dono já se verá abalada, pois, para ele, este será uma pessoa volúvel, instável, capaz de ter reações opostas perante a mesma atitude da parte dele. E quanto menos confiança o cachorro depositar em nós, menos seguros serão os resultados que conseguiremos obter ao tentar adestrá-lo.

Quando uma ordem é dada, deverá sempre ser cumprida; o dono não pede — manda. Não devemos ficar repetindo o mesmo comando para ver se o convencemos a nos atender; à voz de comando deve-se seguir a execução pronta daquilo que foi ordenado. Devemos evitar, na medida do possível, que o cão sequer conceba a hipótese de não nos obedecer. Não devemos, portanto, dar-lhe ordens que não podem ser cumpridas ou cuja execução não temos meios de impor. Por exemplo: se ele nos escapa da guia para perseguir um gato ou para brigar com outro cão, os instintos que o levam a tal são muito arraigados e difíceis de se-



Alguns cães obedecem a uma simples palavra firme, ou um sinal.

rem controlados pelo homem, consequentemente o mais provável é que, nessas circunstâncias, não atenda o nosso chamado. Por conseguinte, nesses casos, é melhor nem chamá-lo, uma vez que ele não nos atenderá mesmo e, como dissemos acima, o ideal é que ele não tenha sequer lembrança de alguma vez ter feito ouvidos de mercador às nossas ordens.

Ao iniciar o adestramento é sempre útil organizar um programa em que, evidentemente, ensinaremos primeiro as lições mais simples e fáceis, e só depois, as mais complexas. Não devemos ter pressa em alcançar resultados e só passaremos para o exercício seguinte depois que o cão dominar perfeitamente o anterior. É de boa praxe que as primeiras aulas sejam dadas em lugares sossegados para que o cão, sem muitas distrações, possa concentrar-se melhor. As aulas devem, se possível, ser diárias e não convém que sua duração ultrapasse cerca de quinze minutos ou, no máximo, vinte. É preciso constância e, quanto menos espaçados forem os intervalos entre as lições, melhores serão os resultados. Devemos sempre encerrar a aula com um exercício que ele domine bem, para que a sua última lembrança seja a de uma execução perfeita.

Cada ação deverá ter sempre a mesma voz de comando correspondente e representada, de preferência, por uma única palavra, a mais curta possível para facilitar a memorização. Essas palavras não devem ser semelhantes para não confundir o animal, e ser emitidas sempre com a mesma inflexão de voz, num tom baixo e firme (nunca gritando). O cachorro não compreende o significado das palavras, mas aprende a diferenciá-las principalmente pela forma e pelo tom com que são pronunciadas.

O ESPÍRITO DE MATILHA

É necessário lembrar que o cão, vivendo em estado natural, era um animal gregário, ou seja, vivia em grupos mais ou menos numerosos. Certos animais têm aptidões para viverem isolados como a maioria dos grandes felinos, que estão sempre sós, apenas reunindo-se em casais na época do cio. Outros, como o lobo, os cavalos selvagens, etc., só têm assegurada a sua sobrevivência em virtude da ordem, atribuições e funções e sentido de hierarquia que reina nos grupos em que vivem.

Este espírito de matilha, apesar dos séculos de convívio com o homem, encontra-se presente ainda hoje nos cães domésticos, como uma série de outros instintos, mais ou menos arraigados que frequentemente nos levam a recordar o antepassado selvagem e as normas que regulavam sua alcatéia na constante luta pela sobrevivência.

Nesses grupos havia sempre um indivíduo que, destacando-se dos demais por ser detentor de qualidades especiais como maior força bruta e agilidade, mais inteligência, malícia, prudência ou outras quaisquer, impunha sua liderança sobre os outros, submetendo-os à sua autoridade. A sobrevivência desse grupo passava, portanto, a depender da habilidade do chefe em evitar os perigos, dirigí-los para onde houvesse caça abundante, etc. Evidentemente o líder tinha suas regalias, pois escolhia as fêmeas com as quais quisesse se acasalar e fazia prevalecer sua soberania; assim a natureza, sempre sábia, cuidava do aprimoramento da espécie, pois era o chefe do grupo, o indivíduo mais perfeito, que produzia maior número de filhos. Mas às vezes acontecia que em outros membros da matilha se

despertasse esse instinto de chefia, esse espírito de liderança, principalmente na época em que, ainda jovem, o lobo ou o cachorro selvagem completassem o seu desenvolvimento, atingindo o apogeu de sua forma física. Travavam-se, então, combates renhidos em que o antigo chefe confirmaria sua posição ou cederia lugar ao desafiante, quer porque a idade avançada não mais lhe permitisse permanecer em suas funções, quer porque o vencedor realmente lhe fosse superior. Fosse qual fosse o resultado, a ordem seria restabelecida e a luta pela sobrevivência seguiria seu curso.

O cão doméstico faz uma espécie de analogia entre a antiga matilha em que vivia e a casa de seu dono com as pessoas, outros cães e outros animais que ali convivem. E ainda hoje permanece vivo o sentido de hierarquia que lhe permite classificar todos esses seres como superiores ou inferiores. Assim notamos, principalmente em cães de caráter muito forte, manifestações ocasionais da rebeldia ou renitência, que visam por aí prova a chefia do dono.

Por tudo que foi exposto acima, podemos entender melhor essas atitudes, aparentemente inexplicáveis, de animais que haviam sempre sido submissos à nossa autoridade. O animal porá tanto mais em cheque a supremacia do homem quanto menos disciplina e pulso firme tenha encontrado no seu relacionamento com ele.

Mas cumpre observar que é nesses indivíduos de temperamento firme e instinto de liderança que encontraremos os melhores cães, e se tivermos habilidade e paciência para submetê-los, não ao jugo de escravos mas à dócil submissão da criatura pura e irracional que vê no homem o seu deus, teremos vencido a batalha.

KANINA

O alimento que
mantém os cães sempre
fortes e saudáveis.



**NUTRIÇÃO
COMPLETA**



**43 NUTRIENTES
CIENTIFICAMENTE
BALANCEADOS.**